

UM MERGULHO NO UNIVERSO DA LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA

Elizabeth Gonçalves dos Santos ¹

Maria Suely da Costa ²

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de iniciação científica (PIBIC/UEPB) que busca compreender como a literatura indígena contemporânea de autoria feminina representa esteticamente a herança cultural dos povos originários ao abordar ideias de pertencimento, resistência e identidade. Como base nos (re)contos “Omáua, a menina que mora no fundo dos rios”, de Eliane Potigua e “A história de Paká”, de Naine Terena, presentes na obra *Originárias* (2023), uma antologia organizada por Trudruá Dorrico e Maurício Negro, objetivamos verificar como estas narrativas trazem questões referentes ao legado dos povos originários que possibilitam também aos não indígenas conhecerem sobre a riqueza cultural e entenderem mais da alteridade dos povos indígenas. De natureza analítico-interpretativa, este trabalho se norteia pelos paradigmas da pesquisa qualitativa, e tem como referencial teórico os estudos de Graúna (2020), Guesse (2020), Dorrico (2018), Candido (2002), Munduruku (2018) entre outros, através dos quais procuramos compreender as características estéticas dessa literatura, conhecer melhor sobre as autoras e as suas etnias, visando identificar e comparar, de que forma essa representação é evidenciada nas narrativas literárias selecionadas. Discutir questões voltadas à representação indígena no contexto literário, a partir do próprio protagonismo indígena, possibilita-nos reorientar o olhar e desconstruir estereótipos produzidos pelo pensamento eurocêntrico, que por muito tempo silenciou essas vozes.

Palavras-chave: Literatura indígena; Autoria feminina; Identidade cultural.

INTRODUÇÃO

A literatura produzida por autores pertencentes aos povos originários tem representado uma importante forma de resistência, resgate, reafirmação da identidade e ancestralidade desses povos, os quais, ao longo do tempo, tiveram sua história contada sobre a perspectiva do colonizador, que buscou apagar sua identidade e cultura, os renegando a um lugar de silenciamento, além de, difundir uma imagem estereotipada, que não representa em nada sua riqueza cultural. Em função disso e como forma de enfrentamento, atualmente, cada vez mais escritores indígenas têm reivindicado seu espaço no cenário literário, buscando escrever narrativas que os representam e preservam seu legado.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, elizabethgd3s@gmail.com;

² Professora Dra. do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; suelycosta@servidor.uepb.edu.br

Apesar desse crescente número de vozes indígenas na literatura e a existência da Lei 11.645/08³, que assegura a presença da literatura indígena na educação básica, sua presença e discussão ainda é bastante restrita, inclusive no meio acadêmico. Diante disso, na condição de não indígena, reconhecemos a importância de conhecermos a diversidade cultural dos povos indígenas e compreender sua visão de mundo, desconstruir estereótipos e romper com o pensamento eurocêntrico, que por muito tempo silenciou essas vozes, visto que, a literatura deve ser entendida como “algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (Candido, 2002, p.82).

Na sua condição de linguagem, a literatura oferece um espaço onde as vozes são ouvidas passam a ter vez, possibilitando a percepção do que Adichie (2009) nos convida a refletir sobre as implicações de narrativas contadas sobre um único ponto de vista. A citada autora reforça que devemos promover outras visões e ouvir outras vozes para fugir dos estereótipos, preconceitos e ideologias, com o objetivo de promover uma história mais inclusiva que respeite o lugar e as vivências do outro.

Com base nisso, este estudo buscou entender a seguinte problemática: de que maneira a literatura indígena contemporânea de autoria feminina representa esteticamente a herança cultural dos povos originários e proporcionar ao não indígena o contato com essa cultura? Ao abordar essa questão, pretendemos contribuir com a compreensão da representação desse sujeito social por meio dessa literatura que instiga discussões importantes, a respeito de temas extremamente relevantes na atualidade, como preservação do meio ambiente e luta pelos direitos humanos.

Para tanto, objetivamos compreender essa representação estética da herança cultural dos povos originários, a partir da análise dos (re)contos “Omáu, a menina que mora no fundo dos rios” de Eliane Potiguara e “A história de Paká” de Naine Terena, presentes na obra *Originárias* (2023), uma antologia organizada por Trudruá Dorrico e Maurício Negro, composta por 12 contos, de autores que escrevem em nome de uma memória coletiva. Os citados autores pontuam as tradições, memórias e visões de mundo de suas comunidades, tornando essa antologia uma expressão da diversidade cultural dos povos indígenas.

Sendo assim, buscamos compreender as características estéticas da literatura indígena contemporânea de autoria feminina e a maneira que abordam as ideias de pertencimento, resistência, identidade e representação dos povos originários, visando identificar como essas ideias são representadas nos contos. Para tanto, conhecer sobre as autoras os povos indígenas

³ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

os quais pertencem foi fundamental para o entendimento da representação dessa diversidade cultural apresentada nos (re)contos objeto de análise.

Assim, partimos do princípio de que cada autora pertence a uma etnia indígena diferente, portanto, é possível que haja divergências culturais representadas nas narrativas. Contudo, apesar das etnias possuírem características próprias, é possível identificar que estas compartilham uma forte ligação com a terra, valorização e resgate das memórias e da ancestralidade desses povos, que podem ser evidenciadas nessas produções criadas a partir de histórias passadas de geração em geração.

Quanto à fundamentação teórica para este estudo, recorreremos aos apontamentos de Dorrico (2018), Pachamama (2020), Munduruku (2018) entre outros. Este é um estudo de abordagem qualitativa, uma vez que “[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (Silveira; Córdova, 2009, p.31), além de trabalhar com a subjetividade do pesquisador sobre o objeto de estudo. Em função disso, tem um caráter analítico, interpretativo, descritivo e exploratório de cunho bibliográfico, considerando que é desenvolvido com apoio de materiais já publicados.

METODOLOGIA

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de iniciação científica (PIBIC/UEPB); tem uma abordagem qualitativa de caráter analítico-interpretativa, e foi desenvolvido a partir da análise dos (re)contos “Omáua, a menina que mora no fundo dos rios”, de Eliane Potiguara, e “A história de Paká”, de Naine Terena. As referidas narrativas compõem a antologia *Originária* (2023), composta por textos escritos por autoras de diferentes povos indígenas, os quais, apesar de sua autoria individual, representam uma coletividade.

Para tanto, primeiro buscamos entender que aspectos diferenciam essas produções literárias indígenas das demais, uma vez que, essas narrativas representam uma conquista simbólica ao preservar a herança cultural dos povos originários, sendo uma forma de resistência contra um processo de apagamento histórico. Em seguida, procuramos conhecer as autoras e os povos indígenas que cada uma faz parte, no intuito de entender a diversidade que constitui os povos originários, de modo compreender os (re)contos que carregam a cosmovisão indígena. Para isso, recorreremos aos autores Dorrico (2018), Pachamama (2020), Munduruku (2018), entre outros, que tratam de questões como representação dos povos originários e as características estéticas da literatura indígena.

Apreender visões de mundo significa mergulhar nos significados produzidos pelos objetos sociais no interior de determinado grupo social. A linguagem, como um sistema de símbolos articulados, coaduna uma forma ampla de conhecimento que encerra outras formas de saber como teorias de senso comum. Essas teorias podem ser chamadas de representações sociais, que se configuram como sistemas de interpretação da realidade que produzem e se constituem de valores, crenças e atitudes primordiais na construção e disseminação de representações. Assim, para este estudo, partimos da compreensão de que a produção literária de autoria de mulheres indígenas, em questão, será um meio de manusearmos a linguagem, especialmente, a literária, como um instrumento possível de proporcionar a reflexão sobre o protagonismo, a tolerância e a experiência de autonomia, a contribuir para a liberdade do indivíduo (Compagnon, 2009).

Sabemos que a forma como a figura indígena foi retratada na literatura produzida pelo não indígena revela um processo histórico que buscou apagar sua identidade e cultura, e ajudou a disseminar o termo “índio” que não representa os povos originários, além de evidenciar um equívoco histórico e que desconsidera sua diversidade cultural dos povos indígenas. Nesse sentido, ao assumir a autoria e o protagonismo de suas produções os autores indígenas fazem da literatura uma importante forma de resistência, pois

O que antes era uma ‘arma’ contra passa agora a ser uma “arma” favorável ao indígena, uma ferramenta que possibilita sua expressão imaginativa, comunicativa e também um instrumento político para a divulgação e valorização de sua cultura, seus costumes e, acima de tudo, de seus direitos. (Guesse, 2013, p.2)

Com efeito, revisitar os retratos da diversidade por meio literatura indígena é compreender que o ser humano carrega em si a história de seu grupo, uma espécie de memória coletiva construída pelos fatos e acontecimentos que fazem parte de sua história e também influencia as suas ações (Halbwachs, 2004).

REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de adentrarmos na discussão tendo por base a literatura indígena contemporânea de autoria feminina, torna-se necessário fazermos uma breve retomada sobre a forma como os povos indígenas foram representados na literatura brasileira, visando compreender o

surgimento dessa literatura de autoria indígena e os aspectos que diferenciam das demais produções literárias.

A representação indígena está presente na literatura brasileira desde as primeiras produções, no que se refere à escrita, a partir de 1500, por meio de cartas, textos, documentos e livro que registram o contato com os povos originários a partir da visão do colonizador, a exemplo da “[...] carta de Caminha, ‘documento’ pelo qual o rei de Portugal fica sabendo sobre o achado da Nova Terra e dos povos que aqui já se encontravam” (Barreto, 2021, p.95). Dessa forma, inicialmente, há apenas menções a figuras indígenas, que não possuem voz, nem protagonismo, sendo retratados de forma inferior e estereotipada, segundo os moldes europeus que os consideravam selvagens.

Em um segundo momento, já durante o século XIX, com o surgimento do Romantismo e a tentativa de criar uma literatura nacional brasileira, a figura do indígena ganha protagonismo na literatura ao representar essa identidade. Mas a representação da realidade evidencia um indígena idealizado, a exemplo das obras de José de Alencar, que segue os moldes europeus ao representar o indígena com características de cavaleiros medievais, além de carregar a ideia do desaparecimento desses povos, como é possível observar em *O guarani* e *Iracema*, visto que,

Peri, o protagonista de *O guarani*, termina o romance carregando a mulher branca Ceci em seus braços; e a índia tabajara Iracema (anagrama de América) morre depois de dar à luz o mestiço Moacir (‘filho do sofrimento’, no tupi de Alencar), cujo pai é o português Martim (Sá, 2012, apud Barreto, 2021, p. 97).

No início do século XX, buscando romper com os moldes europeus e construir uma literatura genuinamente brasileira, o modernista Mário de Andrade recorre à cultura indígena para criar *Macunaíma*. No entanto, essa representação ainda evidencia o indígena de forma estereotipada, pois “[...] o autor parece querer evidenciar um dos estereótipos colocado nos indígenas, o de preguiçoso, ao repetir, incansavelmente, em seu livro, a fala de Macunaíma: ‘Ai que preguiça!’” (Barreto, 2021, p. 98).

Dessa forma, conforme exposto, todas essas representações ajudaram a tornar conhecida uma figura estereotipada dos povos indígenas, ao representar o pensamento colonial, não demonstrar interesse nas lutas desses povos em defesa de seus direitos e preservação de sua cultura.

Essa produção literária que envolve a representação da figura indígena pode ser dividida em três categorias. Sendo a primeira denominada como a literatura indianista, a segunda categoria, a denominada literatura indigenista, escrita por não indígenas, buscou

representar o indígena e suas vivências sem romantização, mas ainda com uma perspectiva externa. E a terceira categoria, a que interessa a nossa pesquisa, a denominada literatura indígena, é produzida por pessoas pertencentes aos povos originários, dando espaço autêntico à ancestralidade e ao ponto de vista indígena, que passa a se auto representar, atuando “[...] para desconstruir uma representação equivocada sobre seus saberes e tradições, ao mesmo tempo em que se propõem dialogar, participar, construir uma nova relação com a sociedade não indígena” (Dorrico 2018, p. 228).

Os escritores indígenas usam a escrita como uma forma de resistência a um processo colonizatório e silenciador. Suas produções buscam representar sua riqueza cultural e rompendo com estereótipos, pois “[...] Um Povo, que é Originário, não será mais silenciado em seu próprio território e em seu conhecimento.” (Pachamama, 2020, p.27).

No entanto, é importante destacar que, embora os registros escritos tenham surgido no período da colonização, já existia uma literatura indígena produzida no Brasil antes da chegada dos portugueses, transmitida oralmente e passada de geração para geração pelos anciãos e guardiões dos saberes, a partir dessa tradição oral que surge a literatura de autoria indígena.

Essa literatura se difere das demais por surgir da oralidade revelando profunda conexão com a ancestralidade, de modo que, seus autores adotam a escrita com o propósito de registrar as memórias e saberes ancestrais, revelando uma forma de resistência ao preservar essas memórias. Sendo assim, não é possível separar as memórias escritas da tradição oral, pois “Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se dúvida [...] a memória não é atualizada. É preciso notar que a memória procura dominar novas tecnologias para se manter viva. A escrita é uma delas” (Munduruku, 2018, p.83).

Para Graça Graúna, o ato de escrever representa um movimento em busca de suas raízes, e uma forma de ocupar seu lugar de pertencimento. Nesse sentido, a literatura não é apenas um instrumento de expressão, mas um modo de resistência diante de um processo histórico que buscou silenciar vozes e apagar identidades, como expressa a autora:

Ao escrever,
dou conta da minha ancestralidade;
do caminho de volta, do meu lugar no mundo.

(Graúna, 2020, p.19).

Dessa forma, ao realizar esse resgate, os autores indígenas encontram na literatura uma forma de romper com o silenciamento, reafirma sua identidade e preserva memória, ao

fazer do espaço literário um lugar de resistência. Essa literatura, para Márcia Kambeba (2018, p. 40),

Diferencia-se de outras literaturas por carregar um povo, história de vida, identidade, espiritualidade [...] está impregnada de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade.

Diante disso, temos essa ligação com a oralidade, que é responsável por fazer uso da escrita perpetua as heranças culturais de seus povos, possibilitando que o não indígena tenha contato com essas tradições e conheça um pouco da alteridade dos povos indígenas. Por isso, as autoras escrevem não apenas de uma perspectiva individual, mas em nome de uma memória coletiva, trazendo as tradições, memórias e visões de mundo de suas comunidades. Isso torna a antologia uma expressão da diversidade e da importância da resistência cultural dos povos originários.

Com efeito, tal qual observa Dorrico, na apresentação da antologia *Originárias* (2023), escrever é um ato de resistência e uma ferramenta poderosa para afirmar a identidade dos povos originais, mantendo vivas suas tradições, a forma como pensam e enxergam o mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De autoria de escritoras indígenas contemporâneas, o conto “Omáua, a menina que mora no fundo dos rios”, e o (re) conto “A história de Paká” são uma mostra da cosmovisão indígena sobre a natureza e costumes dos povos originários.

A narrativa “Omáua, a menina que morava no fundo dos rios”, da escritora, poeta, professora, contadora de histórias e ativista indígena Eliane Potiguara, pertencente ao povo potiguara e considerada uma das primeiras escritoras indígenas brasileiras, tem seu enredo situado em um ambiente escolar, em que a professora conta aos seus alunos/crianças quando os holandeses invadiram o território dos omágua, também conhecidos como kambeba. Movidos por sua ganância e desejo de poder, os holandeses fizeram o possível para tirar desses povos não só suas casas, terras e florestas, mas sua história e seu coração, ao roubar deles tudo o que mais amavam.

Para os alunos, professora Alzira continua falando a respeito de uma menina, filha de um holandês com um indígena, que morreu logo após nascer, fato este que deixou sua mãe profundamente triste. Por isso, sua mãe chorou muito às margens do rio Amazonas e sonhou

que suas lágrimas enchiam os rios. Nesse sonho, ela viu sua filha, Omáua, a filha espiritual do rio Amazonas, que vive nas águas. A menina Omáua revela a sua mãe que se as pessoas abandonarem o amor possessivo para cuidar, amar e respeitar a natureza, a cura virá. Ao acordar, a mãe sente que seu sonho foi um sinal de seus ancestrais para fazer arte de sua história e cuidar dos bebês que ainda estavam para nascer.

Assim, a professora termina a aula falando sobre a importância de respeitar e cuidar da natureza, e que as produções artísticas dos povos indígenas revelam sua história e cultura, além de demonstrar sua profunda relação de amor com o universo, ao reconhecer que na natureza tudo está conectado é deve viver em harmonia. Por isso, ela anuncia para os alunos que eles terão uma semana de apresentação de artes indígenas, deixando todos ansiosos para aprender mais.

A narrativa “a menina que morava no fundo dos rios”, de forma sutil e poética, denuncia a violência do processo de colonização, que além da invasão do território, buscou roubar o seu coração, ao tirar aquilo que mais amava, nos remetendo a tentativa do colonizador apagar a sua identidade como é possível notar no trecho; “Um dia, chegaram de muito longe os holandeses, cobiçando tudo que os Omágua tinham: a casa, a história, o coração, a terra, a floresta” (Dorrigo, 2023, p.13).

Nesse cenário, Omáua surge como uma forma de resistência e reafirmação da identidade e dos saberes desse povo, visto que, ela é filha de um holandês com uma indígena, que morreu ainda recém-nascida, porém sua morte não representa o fim, mas uma transformação, pois, ela passa a ser responsável pelo equilíbrio da natureza. Essa transformação pode ser percebida no trecho:

A mãe chorou demais, muito mesmo, debruçada à margem do RIO AMAZONAS. Depois, ela adormeceu e sonhou que suas lágrimas enchiam o rio, provendo aquela região [...] de água doce e mineral, garantindo ar puro para o mundo inteiro. Foi então que ela apareceu, aquela que mora no coração das pessoas do mundo todo, não só dos indígenas. (Dorrigo, 2023, p.14).

Nesse caso, temos uma transformação simbólica da dor dessa mãe em vida, pois essa figura feminina presente nos rios é responsável pelo equilíbrio da natureza, fazendo o amor fluir e sendo retratada como aquela que é responsável por cuidar e proteger como é possível notar no trecho a seguir:

Sou eu que dou a eles as cores, que controlo a temperatura da água, que forneço alimento aos peixes e que protejo os pescadores de qualquer mal. [...] Sou também a filha e a irmã de coração que dá intuição às meninas, às jovens, às mulheres, às viúvas, às trabalhadoras e às anciãs. (Dorrigo, 2023, p.15).

Além disso, em sua conversa com sua mãe, Omáua nos convida a refletir sobre a necessidade de respeitar a terra, uma vez que, tudo está conectado, sendo nosso o dever de cuidar e proteger o meio ambiente, pois necessitamos deste para sobreviver, dado que, [...] tudo na vida precisa bons ciclos. [...] Porque a Terra pode viver sem nós, seres humanos, mas nós não podemos de viver sem a Terra!” (Dorrico, 2023, p.15).

Com efeito, ao compartilhar essa narrativa como seus alunos, a professora representa a escola como um lugar, em que as vozes encontram espaço para serem ouvidas, possibilitando romper com estereótipos e promover a empatia ao compartilhar a cultura indígena e seus saberes, para fins de serem respeitados e valorizados. Pelo exposto neste conto, é possível identificar o potencial do texto literário indígena, uma vez contribuir para a desconstrução de discursos estereotipados e promover uma maior compreensão e respeito de histórias na cosmovisão indígena.

O conto “A história de Paká”, de Naine Terena, pesquisadora, professora universitária, curadora e artista educadora, pertencente ao povo Terena, traz a representação de um herói diferente do que costumamos ver nas histórias que conhecemos. Uma vez que ele não é um guerreiro solitário, muito menos conhecido por participar de grandes batalhas. Esse herói, em especial, se chama Paká, que vivia em uma aldeia onde todos eram considerados família, ali plantavam, colhiam, produziam tudo que precisavam para viver. Porém, essa aldeia ficava próxima ao território em que três países se encontravam em guerra, separados apenas por um rio. Pois, dois países que ficavam do mesmo lado do rio, haviam firmado uma aliança para conquistar o território do país que se encontrava do lado oposto do rio. Essa disputa acabou fazendo com que todos os que moravam próximos a eles fossem embora de suas casas, deixando tudo para trás, por medo das consequências desse conflito.

A postura de Paká foi diferente. Após não conseguir mantimento e proteção para seu povo, sem saber o que fazer, Paká olha para o céu e vê animais dançando como se as estrelas tivessem assumido a forma de emas e dançassem no céu. Ele sentiu que os movimentos eram importantes e mais tarde ensinou ao seu povo. Então, decidiu levar todos para o coração da floresta, onde podiam ficar seguros e longe dos males causados pela guerra. Neste local, não permitiu que nada faltasse, cultivando alimento e levando os animais que as pessoas dos vilarejos deixaram para trás. Assim, Paká garantiu o sustento e a proteção de seu povo sempre se mantendo longe de conflitos, até o dia em que estava refletindo sobre a motivação da guerra injusta, quando foi surpreendido e morto por soldados. Sua morte deixou todos de sua aldeia devastada e como homenagem a ele, todos os anos, em noites escuras, seu povo dança e canta, como ele ensinou para lembrar de sua coragem e inteligência.

Se a figura do herói clássico se estabelece pela postura de coragem individual, aqui se tem a figura do herói que, em coletividade, buscou resistir para ajudar ao seu povo. “Os heróis que a gente conhece costumam viver aventuras solitárias [...] Pois bem, o herói que mencionei até teve a ajuda de alguns animais. Mas seus parceiros pertenciam a outro universo” (Dorrico, 2023, p.23). Sendo assim, esse herói é representado pela coletividade, sua característica mais marcante é o cuidado com sua comunidade. Além de ser um herói que foge de conflitos, o que parece contraditória à primeira vista, no entanto, diz muito sobre a forma como os indígenas enxergam as coisas, principalmente na questão de disputas territoriais em busca de poder, que acaba afetando as pessoas que não faziam parte dessa disputa.

Assim, Paká se vê obrigado a abandonar a sua casa por causa da guerra, e é levado a fazer uso de sua sabedoria para organizar uma fuga estratégica, que ocorre da seguinte forma: “A estratégia foi amparar primeiro os velhos, as mulheres e as crianças. O jovem líder levou todos ao coração da floresta, onde ninguém além deles conhecia os caminhos (Dorrico, 2023, p.28)”. Além disso, estabeleceu um sistema de cultivo, em que eles plantam seus próprios alimentos.

Ademais, a maneira como o herói Paká é caracterizado fisicamente pode ser visto como uma afirmação de orgulho e admiração da identidade indígena como podemos notar no trecho: “Seu nome era Paká. Tinha cor de cobre vermelho, feições angulosas, dentes magníficos [...] Tudo nele irradiava inteligência e energia (Dorrico, 2023, p.25)”. E seu sonho com as estrelas dançando, representa uma conexão espiritual que se torna uma forma de celebrar e não deixa morrer tudo quanto ele representa para seu povo.

Nesse sentido, ele não protege seu povo apenas da guerra, mas também da fome, por essa razão, “Paká foi reconhecido como o herói que literalmente cultivou a resistência de seu povo [...] Seu ciclo foi ainda mais natural do que a clássica jornada de um herói. Ele representa para a gente, desse modo muito próprio, o mais pleno heroísmo.” (Dorrico, 2023, p.30). Visto que ele, simbolicamente, cultivou a resistência, não com armas, mas com sementes. Por isso, Paká se tornou o símbolo de cuidado e respeito à natureza e à valorização da vida em comunidade, mesmo em meio do conflito entre três países. Nesse caso, a narrativa tende a denunciar como a ganância e a busca por poder podem afetar os povos originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos (re)contos “Omáua, a menina que mora no fundo dos rios”, de

Eliane Potiguara, e “A história de Paká”, de Naine Terena, da antologia *Originárias* (2023), é possível afirmar que as citadas narrativas trazem questões referentes ao legado dos povos originários que possibilitam também aos não indígenas conhecerem sobre a riqueza cultural e entenderem mais da alteridade dos povos indígenas. Ambos os textos compartilham ideias centrais como: o respeito ao meio ambiente, a valorização da ancestralidade e reafirmação da identidade indígena.

Ao sintetizar de forma lendária as relações do sujeito e meio ambiente, através da voz da professora, assim como na figura do herói indígena, ensinamentos são postos em destaque, seja de respeito à natureza, de valorização da ancestralidade, seja de denúncia de violência advinda pelo colonizador. Ambas as narrativas destacam a resistência de povos originários pela manutenção de seus valores culturais, retratando a cosmovisão indígena de preservação do meio ambiente e conscientização quanto aos recursos extraídos da natureza.

Observamos que essas narrativas de autoria indígena refletem o protagonismo indígena, agora não mais de maneira a perpetuar estereótipos, mas com respeito e autenticidade, visto que partem de seu lugar de fala, expressando suas inquietações. Assim, essas autoras fazem da literatura um espaço de luta simbólica contra toda tentativa de apagamento de sua identidade, fazendo do ato de escrever uma forma de resistência, pois em uma sociedade que supervaloriza a escrita, a literatura indígena precisa se fazer ser ouvida.

Os (re)contos em questão demonstraram um potencial de suscitar discussões relevantes em diversas esferas sociais a respeito da representação cultural dos povos originários. Enquanto instrumento pedagógico, estando em contexto de ensino conforme orienta a lei 11.645/08, a literatura indígena pode proporcionar o encontro entre sujeitos sociais, de modo despertar a consciência crítica e reflexiva acerca de seu papel na sociedade. Questões voltadas à representação indígena no contexto literário, a partir do próprio protagonismo indígena, possibilita-nos reorientar o olhar e desconstruir estereótipos produzidos pelo pensamento eurocêntrico, que por muito tempo silenciou essas vozes.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 2009. (19m 17s). Disponível em: https://youtu.be/D9Ihs241zeg?si=VZnr5kLkMW09_Yy9. Acesso em: 23 abr. 2025.

BARRETO, Mêrivania Rocha. De objeto a sujeito: a figura do indígena na história da literatura brasileira. **Interfaces**, v. 12, n. 2, p. 94–106, 2021. Disponível em: <https://revistainterfaces.com.br/artigo/de-objeto-a-sujeito>. Acesso em: 23 abr. 2025.

CANDIDO, Antonio. “A literatura e a formação do homem”. In: . **Textos de Intervenção**. São Paulo: Editora 34/ Duas Cidades, 2002.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DORRICO, Julie. **Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea**: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. cap. 14, p. 227–256.

DORRICO, Julie; DANNER, Fernando (org.). **Originárias**: uma antologia feminina de literatura indígena. Ilustrações de Mauricio Negro. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

GRAÚNA, Graça. **Escrevivência**. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 19–25.

GUESSE, Érika Bergamasco. **Prática escritural indígena: língua e literatura fortalecendo a identidade e a cultura**. In: Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Literatura indígena**: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. cap. 3, p. 39–44.

MUNDURUKU, Daniel. **Escrita indígena**: registro, oralidade e literatura – o reencontro da memória. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. cap. 7, p. 81–84.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Palavra é coragem**: autoria e ativismo de originários na escrita da História. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 41–60.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A Pesquisa Científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. cap. 2, p. 31–32.